

[Digite texto]

O PAR LOCUÇÃO ADJETIVA/ADJETIVO: UMA QUESTÃO DE LEITURA E DE ESCRITA NO ENSINO DE LÍNGUA

Iury Mazzili Dantas (UFRN)

iurypicles@gmail.com

José Romerito Silva (UFRN)

jromeritosilva@gmail.com

Introdução

A locução adjetiva é uma construção sintática com valor de adjetivo formada por uma preposição mais um substantivo, figurando como modificadora nominal. Pelo fato de, em muitos casos, a locução possuir uma forma adjetival correspondente, a tradição gramatical costuma tratar locuções adjetivas e seus adjetivos correlatos como um par permutável, ou seja, que atribuem modificação de modo similar, a ponto de não acarretar qualquer mudança funcional na escolha de uma forma ou da outra. É essa ideia que vemos defendida, por exemplo, em Almeida (1999) e em Azeredo (2010). Entretanto, não é assim que ocorre no uso da língua, o qual tem demonstrado haver diferenças discursivas (i.e., semântico-pragmáticas) relevantes entre as duas formas. Exemplo disso é a amostra “óculos de sol”, em que “de sol” não poderia ser substituído por “solares”, uma vez que resultaria em um sentido diverso e estranho. Em vista disso, o objetivo do trabalho é dar continuidade a um projeto de pesquisa em andamento acerca do par *locução adjetiva/adjetivo*, analisando-se as possibilidades ou não de permuta entre essas formas¹, bem como as motivações para a escolha de uma construção ou de outra. Para tanto, serão utilizadas as contribuições teóricas da Linguística Centrada no Uso (ou Linguística Cognitivo-Funcional), conforme se encontram em autores como Croft (1991), Ford et al. (2003), Givón (2009), Traugott (2009), Bybee (2010), entre outros. Como o estudo analisa a língua em uso, o *corpus* é formado por textos representativos da seção Guia, coletados de revistas Veja nos números 2132, 2211, 2212, 2213, 2216, 2221, 2222 e 2219, todas do primeiro semestre de 2011. Esperamos, com este trabalho, contribuir para o ensino de língua materna, especialmente no que diz respeito às práticas de leitura e escrita.

1. A Locução Adjetiva na tradição gramatical

O adjetivo é um nome com função de modificador nominal, podendo vir anteposto ou posposto ao nome modificado. Uma locução adjetiva é uma construção formada por preposição + substantivo com função de adjetivo, ou seja, também qualifica/classifica um nome ou uma expressão. Atente-se para as amostras a seguir, apresentando casos com uso de adjetivos e de locuções adjetivas como adjuntos modificadores dos núcleos nominais a que se vinculam:

- “O trabalhador pode investir parte da renda *mensal*” (VEJA, 27/04/2011)

1. Não será considerada aqui a permuta adjetivo/locução adjetiva.

- “A pedido de VEJA, os chefs (...) degustaram, ao lado de Helena Galante, crítica de comidinhas de VEJA SÃO PAULO, sete ovos *recheados*” (VEJA, 20/04/11)
- “No Brasil, segundo os consultores *de carreira*, o cenário para profissionais acima de 50 anos é de oportunidades” (VEJA, 27/04/2011)
- “Existem basicamente duas modalidades de fundo *de aposentadoria*.” (VEJA, 11/04/11)

Uma vez que a locução adjetiva tem valor de adjetivo, existem formas correspondentes (adjetivo na forma simples e na forma locucional) com sentido muitas vezes entendido como similar.

- “Em geral, as decisões *dos juízes* são favoráveis ao consumidor.” (VEJA, 06/04/2011)
- “(...), para cobrir a contratação de um assessor *jurídico* para acompanhar o trâmite da compra.” (VEJA, 06/04/11)

Alguns autores, a exemplo de Castilho (2010) e Azeredo (2010), afirmam que uma forma pode simplesmente ser substituída pela outra sem provocar alteração semântica. Já outros, como Neves (2000), aceitam o par como permutável na maioria dos casos, mas fazem ressalvas sobre algumas restrições, como a não existência de um termo correspondente.

A título de ilustração, na gramática de Azeredo, são usados como exemplos de par permutável os termos ‘barbado’ e ‘imberbe’ em equivalência a, respectivamente, ‘de barba’ e ‘sem barba’. Essa substituição dificilmente ocorreria em alguma situação comunicativa real. Isso porque um ‘homem barbado’, na maioria das vezes, é utilizado para nos referirmos a um homem adulto, não necessariamente com barba. Já ‘imberbe’, representa, em geral, um jovem que ainda não possui barba em função da pouca idade, e não exatamente um homem sem barba por tê-la feito. Esses poucos casos servem como pequenos exemplares do equívoco em estabelecermos sentidos *a priori* para formas linguísticas em isolamento, i.e., abstraídas de um contexto real de uso.

Castilho (2010), apesar de afirmar que “comportamento doentio” não pode ser funcionar como correlato de “comportamento de doente”, mais adiante trata “sistema nervoso” como substituto de “sistema dos nervos”.

4. Propriedade de comutabilidade com uma paráfrase nominal, “constituída de uma preposição (em geral *de*) e um sintagma nominal de cujo nome o adjetivo deriva” (Casteleiro, 1981:60):

(4d) cidades sombrias

*cidades de sombra

comportamento doentio
*comportamento de doente
(5d) ciências naturais
ciências da natureza
sistema nervoso
sistema dos nervos

Tal permuta é questionável, uma vez que sistema nervoso é uma forma lexicalizada, não permitindo variação sem alterar o sentido. Neves (2000), também é categórica, afirmando que se pode encontrar até “correspondentes exatos” entre as duas formas em questão do sintagma adjetival:

Na língua portuguesa existem:

a) adjetivos simples, como AMIGO e DESAGRADÁVEL, em

Pus-me a dar pancadinhas AMIGAS no dorso onde a transpiração produzia uma DESAGRADÁVEL unidade. (BH)

b) adjetivos perfrásticos, ou locuções adjetivas, como DO INTERIOR, em

Um jovem DO INTERIOR, que acabara de chegar a Berlim, estava iniciando seus estudos de chinês para entender, pois não confiava em traduções.

Neste caso, pode-se até encontrar um adjetivo da língua que seja correspondente exato da locução usada: Um jovem INTERIORANO, que acabara de chegar a Berlim estava iniciando seus estudos e chinês para entender, pois não confiava em traduções.

Não é necessário, entretanto, que isso ocorra para que uma expressão se configure como locução adjetiva, já que a existência, ou não, de um adjetivo correspondente é questão de léxico, e não da gramática da língua.

Curiosamente, são três dos gramáticos tradicionais – Pascoale e Infante (1998), Almeida (1999) e Bechara (2001) – que comentam sobre as mudanças funcionais decorrentes da escolha da forma. Pascoale e Infante (1998) apresentam um tabela com as duas formas em questão do Sintagma Adjetival, trazendo várias formas correspondentes, mas alertam que uma não pode ser substituída pela outra em qualquer situação:

Há muitos adjetivos que mantém certa correspondência de significado com locuções adjetivas, e vice versa. É o caso dos exemplos já citados paterno/de pai e bucal/da boca. A correspondência de significado

nesses casos não significa que a substituição da locução pelo adjetivo seja sempre possível. Tampouco a substituição contrária é sempre admissível. Colar **de marfim**, por exemplo, é uma expressão cotidiana: seria pouco recomendável passar a dizer colar **ebúrneo** ou **ebóreo**, pois esses adjetivos têm uso restrito à linguagem literária. (...) Em outros casos, a substituição é perfeitamente possível, transformando a equivalência entre adjetivos e locuções adjetivas em mais uma ferramenta para o aprimoramento dos textos (...).

Almeida adverte que, apesar de ambas as formas terem a função de “qualificar o substantivo”, a escolha do adjetivo ou da locução pode causar mudança de significado. Bechara, por sua vez, esclarece que “nem sempre encontramos um adjetivo perfeitamente idêntico ao da locução adjetiva”. Entretanto, o fato de não basearem suas respectivas explicações em dados reais acaba por tornar o estudo desse caso um tanto artificial e idealizado.

2. Análise dos dados / Discussão

Em pesquisa anterior, constatamos que há vários fatores que influenciam a escolha de uma forma ou de outra, e que a permuta entre as formas, embora algumas vezes seja possível, na maior parte dos casos acarreta de fato mudanças em termos semânticos e/ou pragmáticos.

Exemplo disso é a amostra “movimentos do atleta” (VEJA 13/04), cuja substituição por *movimentos atléticos* ocasionaria mudança de sentido. Isso porque “movimentos do atleta”, naquele contexto, refere-se a quaisquer movimentos realizados por um atleta (e não por um jogador, por uma bailarina etc.), enquanto *movimentos atléticos* podem ser realizados por qualquer ser com a destreza necessária, mesmo que o praticante dos movimentos não seja um atleta por profissão, os movimentos realizados com tais características (fortes, robustos) serão considerados atléticos.

Observando-se mais cuidadosamente os dados colhidos no *corpus*, verificou-se que existe gradiência no que se refere à possibilidade de permuta entre a locução adjetiva e seu par adjetival (Bybee, 2010). Para melhor explicitar essa gradiência, adotou-se o seguinte procedimento classificatório: (1) *sem correspondente lexical*; (2) *com alteração de sentido*; (3) *forma lexicalizada*; (4) *forma predominante*; e (5) *escolha estilística*. Uma vez que estamos tratando de gradiência, a fronteira entre uma classe e outra nem sempre é evidente, e alguns casos podem incluir-se em mais de uma delas, como as formas lexicalizadas, que sempre trarão também uma alteração de sentido. As amostras que seguem ilustram tal classificação.

1- Sem correspondência lexical

O nível em que as formas são mais presas é chamado *Sem correspondente lexical*. Nesse caso, o locutor não pode utilizar uma forma adjetival para substituir a locução adjetiva ou vice-versa. Isso se dá pelo fato de não existir um correspondente formal como possibilidade de substituição. As amostras apresentadas em (1), (2) e (3) ilustram essa categoria:

- (1) “[...] a peça é confeccionada com tecidos que contêm fios *de poliamida* [...]” (Veja, 13/04/2011, p.127)

- (2) “[...] estima-se que oito em cada dez sacolas plásticas sejam usadas como saco *de lixo*.” (Veja. 01/06/2011, p.140)
- (3) “[...] a indenização do seguro é isenta de imposto e não entra no inventário de bens *do falecido* [...]” (Veja. 11/05/2011, p.136)

Em (1), a locução adjetiva “de poliamida” não possui adjetivo correlato, o que torna impossível haver permuta de uma forma por outra, ou seja, trata-se de uma expressão sem correspondente formal. O mesmo vale para as amostras “saco de lixo” em (2) e “bens do falecido” em (3).

2 - Com alteração de sentido

O segundo nível de restrição da permuta entre locução adjetiva e adjetivo é a *alteração semântica*. Significa que substituir uma pelo outro resultaria em mudança de sentido ou em ambiguidade. Os dados seguintes são exemplos dessa classe:

- (4) “[...] o aumento na expectativa *de vida* e os avanços da medicina têm feito com que os idosos vivam mais [...]” (Veja. 11/04/2011, p.134-136)
- (5) “Esse é o momento de observar detalhes como o alinhamento de janelas e o caiamento *da água* em áreas como cozinha, banheiros e varanda.” (Veja, 06/04/2011, p.120)
- (6) “Os erros incluem [...] defeitos não aparentes, como vazamentos na tubulação *do gás*.” (Veja, 06/04/2011, p.119)

Em (4), o suposto par adjetival *vital*, correlato da locução adjetiva “de vida”, alteraria o sentido pretendido, uma vez que uma expectativa vital, na maioria dos casos, é uma expectativa muito relevante, e não um correlato para expectativa de vida. Em (5), haveria uma generalização ao substituir “caiamento da água” por *caiamento aquático*, uma vez que o artigo restringe o sentido de *qualquer água* para, especificamente, *água do prédio em questão*. Além disso, o adjetivo *aquático* não é tão comum, dando um toque de preciosismo à frase. O mesmo aconteceria em (6) em uma permuta por *tubulação gasosa*, além da generalização teríamos uma combinação incomum apresentada no texto.

3 - Forma lexicalizada

O terceiro nível é a *Forma lexicalizada*. Aqui, mesmo que haja uma forma correspondente, a permuta não pode ser feita porque acarreta perda de sentido, como no nível anterior. A diferença entre os dois níveis é que a forma usada aqui está inserida no léxico dos falantes como tal, formando a construção Substantivo + Adjetivo ou Substantivo + Locução adjetiva, cuja referência não pode ser conceitualizada por meio de outra forma. Em outras palavras, trata-se de um conjunto nominal que designa uma unidade referencial. Os dados dos trechos (7), (8) e (9) ilustram esse nível de gradiência:

- (7) “A Agência Nacional de Saúde (ANS) vai regulamentar a manutenção do plano *de saúde* coletivo.” (Veja, 11/04/2011, p.134-136)

- (8) “[...] nesta época do ano fica ainda mais difícil resistir às variações do bom e velho ovo *de Páscoa*.” (Veja, 20/04/2011, p.118)
- (9) “Para saber qual o mais indicado, basta olhar a declaração de imposto *de renda* de pessoa física [...]” (Veja, 11/05/2011, p.135)

A substituição de “plano de saúde” por *plano salutar* em (7) causaria uma perda de sentido, uma vez que é uma entidade conhecida apenas pela primeira denominação, não aceitando nenhuma outra. Em (8), apesar da existência de um correspondente semântico (*Pascoal*), não seria possível a combinação Ovo Pascoal em nenhum dos ovos, porque o sentido está ligado à forma convencionalizada. Em (9), temos um caso de forma sem correspondente lexical, mas ainda que houvesse uma forma análoga, esta não serviria em combinação com “imposto” para chegar ao mesmo referente entendido com o uso da locução.

4 - Forma predominante

O quarto nível é denominado *Forma predominante*. Nesse caso, a forma do sintagma adjetival poderia ser substituída sem causar nenhuma grande mudança semântico-pragmática. No entanto, uma das duas formas tende a ser predominante em relação à sua “correspondente” funcional (FURTADO DA CUNHA et al., 2003). Aqui estão incluídos também os casos motivados por questões sintáticas (por exemplo, manutenção do paralelismo sintático, ou padronização de formas), além de semânticas e pragmáticas. Seguem as amostras representativas:

- (10) “[...] a indenização *do seguro* é isenta de imposto e não entra no inventário dos bens do falecido [...]” (Veja, 11/05/2011, p.136)
- (11) “[...] durante o exercício, a vibração natural dos músculos dissipa parte da energia que está sendo produzida pelo esportista [...]” (Veja 13/04/2011, p.127)
- (12) “[...] a lei não prevê o plano de saúde vitalício quando a empresa arca com 100% das despesas referentes aos planos de saúde dos empregados ou em sistemas *de coparticipação*, em que o funcionário paga apenas quando utiliza algum serviço.” (Veja, 11/05/2011, p.136)

Em (10), mesmo possuindo um correspondente de sentido muito próximo (*segurária*), a forma locucional prevalece quantitativamente (ver quadro mais adiante). Em (11), temos uma amostra de motivação sintática. É provável que a locução tenha sido escolhida em função da existência de um adjetivo simples posposto ao substantivo, de forma que é preferível quebrar o paralelismo para evitar uma expressão repetitiva (*vibração natural muscular*). O último exemplo (12) segue o mesmo padrão do caso marcado em (10): há um correspondente semanticamente similar, mas este é pouco recorrente em relação à sua contraparte locucional.

5 - Escolha estilística

O último nível, ou seja, a forma mais livre é a *Escolha estilística*. Enquadramos aqui os dados que poderiam ser substituídos pela forma correspondente sem que houvesse mudança semântica relevante. É importante ressaltar que o mais usual é que haja alguma mudança semântica, mesmo que sutil. Entretanto, as mudanças nesse nível não iriam interferir na compreensão do texto. Os dados marcados em (13) e (14) servem de exemplo para esse nível:

- (13) “[...] durante o exercício, vibração natural *dos músculos* dissipa parte da energia que está sendo produzida pelo esportista [...]” (Veja, 13/04/2011, p.126)
- (14) “Em geral, as decisões *dos juízes* são favoráveis ao consumidor e o valor é restituído em dobro com correção monetária e juros.” (Veja, 06/04/2011, p.118)

Em (13), a permuta entre a locução “dos músculos” e seu adjetivo análogo “muscular” poderia ocorrer sem que houvesse, talvez, alguma alteração de sentido relevante. Nesse caso, a escolha por uma forma ou por outra parece estar sujeita à preferência estilística do enunciador. O mesmo é válido para “decisões *dos juízes*”, em (14). Analisando *a priori*, tem-se um caso de alteração de sentido, uma vez que *decisões judiciais* é uma generalização de todas as decisões, enquanto “decisões dos juízes” limita a um grupo específico de seres. Por outro lado, no período em questão, um termo poderia ser substituído pelo outro e não haveria mudança funcional, já que o próprio texto já faz o recorte de quem toma as decisões e em que situação.

Até o momento, foram contabilizados os dados dos números 2211, 2213, 2212, 2216 e 2219 das revistas selecionadas. No total, foram encontrados 352 adjetivos em forma simples e 180 locuções adjetivas. Com base na tabulação dessas amostras segundo nossa escala de gradiência, classificamos as locuções adjetivas da seguinte forma: 68 dados sem correspondente lexical, 36 dados que resultariam em perda ou mudança semântica diante da permuta pela formação correspondente, 52 dados em forma lexicalizada, 16 dados em forma preferida e 8 dados que refletem escolha estilística. O resultado é exatamente o oposto do que encontramos na maior parte das gramáticas: em vez de possibilidade livre de permuta, a maior probabilidade é de que a locução não possa ser substituída.

Gradiência de permuta	Ocorrências	Percentuais (%)
Sem correspondente formal	68	37,8
Mudança semântica	36	20,0
Forma lexicalizada	52	28,9
Forma preferida	16	8,9
Escolha estilística	8	4,4
Total	180	100

Quadro 1 – Quantificação das locuções adjetivas coletadas do *corpus*.

Conclusões

Com base nas ocorrências analisadas no *corpus*, pode-se afirmar que, embora possa existir, em termos virtuais, aparente correlação de forma/função entre locução adjetiva e adjetivo ou vice-versa, na maioria dos casos observados, a permuta entre um(a) e outro(a) nem sempre é possível. Isso porque, conforme se verificou, uma forma pode ser menos/mais semanticamente específica, técnica, formal etc. do que outra. Ademais, há os casos em que a substituição seria impossível, em razão de não haver uma forma correspondente, por resultar em alteração de sentido ou por outro motivo diverso.

Assim, os dados colhidos no material de análise confirmam que, na língua, convive-se com a possibilidade de haver formas específicas a determinadas funções, bem como funções que podem ser desempenhadas por formas diversas. Tal fato aponta tanto para a maleabilidade do sistema linguístico como para a ideia de que o estudo desse sistema deve ser balizado pelo uso (GIVÓN, 2001).

Esperamos ter contribuído para um aprofundamento teórico do tema em questão, que na apresentação atual desconsidera as circunstâncias de uso e simplifica em excesso a questão da permuta locução adjetiva por adjetivo e vice-versa. Acreditamos que qualquer alteração no léxico provoca uma mudança semântica, seja ela mais ou menos tangível, de modo que a escolha da utilização do adjetivo em sua forma simples ou locucional está cercada de fatores que restringem ou não tais usos, assim como qualquer outra escolha lexical.

Por fim, devemos ressaltar a importância de *corpora* de dados reais em oposição aos tradicionais exemplos *ad hoc*, uma vez que aqueles, quando apresentados em seu contexto original, não permitem tais apresentações de conceitos que são distantes do uso real da língua. Além disso, contribui para o trabalho com a língua materna em sala de aula, tanto no que se refere ao tratamento da categorização gramatical quanto no que diz respeito à abordagem do texto, sobretudo no que tange ao papel do adjetivo e da locução adjetiva na composição do conteúdo informacional do texto.

Referências

- ALMEIDA, N. M. de. Gramática metódica da língua portuguesa. 43. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.
- AZEREDO, J. C. de. Gramática Houaiss da língua portuguesa. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2010.
- BECHARA, E. Moderna gramática portuguesa. 37. ed. (rev. e ampl.). Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- BYBEE, J. Language, usage and cognition. New York: Cambridge University Press, 2010.
- CROFT, W. Syntactic categories and grammatical relations: the cognitive organization of information. Chicago: UCP, 1991.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. Nova gramática do português contemporâneo. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. et al. Pressupostos teóricos fundamentais. In:_____. (orgs.). Linguística funcional: teoria e prática. Rio de Janeiro: FAPERJ; DP&A, 2003. p. 29-55.

GIVÓN, T. *Syntax*. v. 1. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

LIBERATO, Y. G. A estrutura interna do SN em português. In: DECAT, M. B. N. et al. (orgs.). *Aspectos da gramática do português: uma abordagem funcionalista*. Campinas, SP: Mercado de Letras, p. 41-101. (Col. Idéias sobre Linguagem).

PASCOALE, Cipro Neto; INFANTE, Ulisses. *Gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Scipione, 1998.